

Prólogo:

Para facilidade de consulta deste livro, optou-se por uma segunda numeração das páginas. Esta numeração encontra-se na parte inferior das páginas, no interior, em tipo mais pequeno. Quis-se um grafismo discreto. Na página 13 o leitor encontrará um índice remissivo tendo por base aquela numeração.

*Referimo-nos anteriormente à edição **Ee**, existente na Biblioteca Nacional, em Portugal. Aquela edição é, de facto, uma das duas edições datando do mesmo ano, isto é, 1572. Numa dessas edições (Ee), o pelicano no topo da capa está voltado para a esquerda do observador, enquanto na outra (E), se encontra voltado para a direita.*

*A designação **Ee** deriva de na primeira oitava do Poema, o sétimo verso se iniciar por **Eentre** (**Eentre** gente remota edificarão), enquanto na edição **E** se inicia por **Entre** (**Entre** gente remota edificarão).*

*Muitos estudiosos abordaram o problema de se conhecer qual das duas edições foi a primeira. Certas correcções na edição **Ee** levam a crer que esta foi a segunda.*

José Gomes Monteiro (1880), advogou que a edição **Ee** foi preparada porque a primeira se tinha esgotado. Outras correntes de pensamento concluíram, que **Ee** e **E** foram ambas dirigidas por Camões, ele próprio, que não satisfeito com a primeira edição, se lançou nas correcções que se conhecem entre **E** e **Ee**. Há ainda os que rejeitam a ideia de que as duas impressões sejam distintas, advogando que se trata de uma mesma edição, corrigida durante os trabalhos de impressão pelo Poeta. Para outros, trata-se ainda de uma falsificação, seja qual delas for a primeira.

O alfabeto latino clássico tinha 20 letras. Por influência do grego foram-lhe adicionadas o «G», o «Y» e o «Z». Por comparação ao alfabeto português actual, faltam-lhe o «J» e o «U». No século XVI, estava-se em plena fase de sistematização da língua portuguesa. A escrita, que era fonética até então, procurava estilizar-se com recurso à etimologia latina. Tendo isto em vista, podemos compreender melhor a ortografia utilizada por Camões.

Certas palavras foram grafadas na obra de duas maneiras diferentes: fonética e etimologicamente (seguindo já as regras gramaticais que a etimologia impunha?), isto é, a derivação do latim: *Nimpha* (do latim *nympha*) ou *Ninfa*.

Manuel Correa Montenegro em 1620 (citado por Manuel de Faria i Sousa no seu livro de 1639 comentando os *Lusíadas* e Camões, depositado na Biblioteca Nacional de España), diz acerca da redacção de «*Os Lusíadas*», isto, notemos, em 1620:

«Começou Luis de Camões a ilustrar a lingua Portuguesa, retirando muitos vocábulos antigos e obsoletos, e introduzindo outros de novo, tomados do Latim.» (N.E: Traduzido do Castelhana antigo)

Devemos ainda ter em conta que o Poema foi escrito ao longo de um longo período de tempo. Esse facto pode explicar as diferentes grafias utilizadas para o mesmo vocábulo, que o Poeta não corrigiu, tendo em atenção as modificações que se procurava introduzir na ortografia. Pode ainda aventar-se a hipótese de que os tipógrafos tenham modificado a grafia de certas palavras. Por estes, as modificações podem ter sido feitas intencionalmente, mas também por ocorrências fortuitas. Pode também

pensar-se que o Poeta, aproveitando o caos existente na ortografia da língua, na época, tenha aproveitado o facto para escrever de maneira diferente o mesmo vocábulo e assim imprimir ao texto o estilo e fluidez requeridos a cada momento.

Editores e estudiosos ao longo dos séculos, modificaram substancialmente a obra de Camões.

Ainda na mesma citação de Montenegro por Faria i Sousa, pode ler-se:

[...] mudámos todos os versos esdrúxulos e agudos por ficarem mal no estilo heróico [...] trocámos algumas palavras por outras, por soarem melhor [...] (N.E.Modificações que deviam ser tidas em conta para uma reedição de Os Lusíadas.)

Quaisquer que fossem as motivações de Montenegro no que respeita a introdução de novos termos por Camões e das modificações que operou sobre o Poema, o testemunho deixado é de um valor inestimável para o estudo da obra, já que se trata de observações feitas numa época recuada e próximas da data da primeira publicação de Os Lusíadas.

O uso do «u» e do «v» é uma das características da grafia da época de Camões que mais fere a sensibilidade do leitor, por comparação à grafia contemporânea do português. A este respeito tenhamos em conta o que escreveu Duarte Nunez do Lião no seu livro de 1576 «ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTVGVESA» (N.E. Depositado na Biblioteca Nacional), sobre o uso da letra V:

V. Teem dous officios, hũ proprio, quando foa per si como as outras vogaes. como: vffo, vfura: outro empreftado, quando fere vogal, ã teem grãde femelhãça cõ o .f. no fom, como nefas palauras: verdade, virtude. A qual pronunciação (como teemos diçto) os Latinos antigos screuião com o digamma dos Aeolicos [N.E.: Digama ou dois gama. Gama, terceira letra do alfabeto grego que se escreve « Γ » em maúsculas. O digama era uma

[9] *letra do alfabeto grego antigo e que se pode dizer ter a configuração*

de dois gama sobrepostos « F »], que tinha semelhança do noffo .f. no fom, & na figura. Mas despois que o.f. succedeo em lugar do .ph. Grego, tomarão emprestado o .u. & vfarão delle em lugar do digamma. O qual differenceamos agora, quãdo he confoante, de quando he vogal, desta maneira .v. ao menos no principio das dições. Porque no meo dellas, vfm do .u. indiftinçtamente, quer feja vogal, quer confoante.

Também característico é o uso do «I» pelo «J» actual. Sobre este assunto escreveu ainda Duarte Nunez do Lião no livro acima citado.

I. He letra vogal, cujo foído proprio & natural he o das primeiras syllabas destas dições, imagẽ, ira. Outro foído lhe damos improprio, quando he confoante, que he falso, & alheo da natureza desta letra, o qual he cõmum a .g. da maneira que o nos pronũciamos com .e.i. q̃ he hũa pronunciação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: janella, jejum, joanne, justiça. Em as quaes palauras, não sentimos na pronũciação algũa semelhança do .i. confoante dos Latinos: o qual teem o foído, que vemos nestas palauras, Troia, Maio, & nestas palauras Latinas, hei, huie, cui. onde os authores antigos dizem o .i. ser consoante. Polo que pola differença que asfi faz, quando he vogal, de quando he confoante, costumamos de o screuer, quando he vogal, de corpo pequeno, & quãdo he cõfoante, fazẽdo mais cõprido, & rasgado para baxo asfi .j. O q̃ eu não cõtradiria. Mas antes se fora em minha mão, dera noua & particular figura aaquellas letras, q̃ tendo as em potestade, lhe não derão os noffos passados figura, como fm o .ç.ch.lh.nh. & aquellas, que falsamẽte screuemos per as figuras alheas de.g (quãdo se ajunta a estas letras .e.i.) & de .x. & .z.

Mas sendo verdade, q̃ da mesma maneira foa .ge. gi. do que foa .je.ji. he de saber, nas dições, onde entra esta pronunciação, que ordem teremos em as screuer: & se indiftinçtamente poderemos vfar de hũa & d'outra. E nisso deuemos teer respeito a duas cousas. f.aa origẽ dos vocabulos Latinos, dõde descendẽ as palauras, q̃ screuemos, & ao costume. Polo que screueremos impigem, & não impijem, porq̃ veem de impetigo, impetiginis: & asfi virgẽ, & [10]

origem, porque vem de virgo, & origo. & afsi os mais, que têm a mefma analogia, & correspondência, ainda q̃ não tenham outros Latinos femelhantes, como fã todos, os que teẽ .a. ou .u. na penultima syllaba, como: ferragem, fogagem, lingoagem, pallagem, romagẽ, amarugem, ferrugem, lãbugem, babugẽ.

Item fe fcreuerão com .g. os vocabulos, q̃ dos Latinos vierão a nos, que teẽ effa letra em algũas syllabas que lhe ficarão illefas, fem as corrompermos, como gente, gemer, legitimo, genero, & outros infinitos.

Mas per .j. fcreueremos todalas dições, q̃ fe paffarão dos Latinos a nos que tinham o mefmo .j. cõfoante, fe effa syllaba ficou inteira, onde o .j. vinha, como jejum fubjeçto, enjeitar, majestade, & algũs nomes peregrinos, como jebulleo, jephte, & outros vocabulos, q̃ fe fcreuião com eftas letras, Hie, no principio, ou fofsẽ Gregos ou Hebraicos, como: Hieronymo, Hierarchia, Hierofolyma, Hieremias, Hieroboam, Hierufalem, Hierico, q̃ vulgarmẽte fcreueẽ (tirado o.h. & mudado o .i. vogal em .j. confoante) Ieronymo, Ierarchia, Ierufalem, Ierofolyma, Ieremias, Ieroboam, Ierico. O q̃ eu não cõtradiria, porq̃ tudo iffo pode o coftume, & a pronunciação, & a corrupção de hũa lingoa a outra. Mas diffo não hemos de fazer regra geeral. Porque pofto q̃ nellas o coftume fizeffe effa mudança, não fcreueria afsi os outros que o vfo, por não ferem nomes mui cõmũs, não tiueffe mudado. Polo q̃ por Hiempfal, nome proprio de hũ Carthagines, não fcreueria, Iempfal: nẽ por Hieron, nome de um Rei, fcreueria Ieron. Porq̃ não me entenderião de quẽ fallaua. Afsi q̃ os nomes propios fe hão de fcreuer, como ftão nas outras lingoas de q̃ elles fã, fem mudança de algũa letra, mais q̃ a determinação final, tirando aquelles, q̃ per coftume ftão mudados, ou corruptos. Como tambem os Italianos fazem em Girolamo, por Hieronymo, & Giouanni por Ioanne, & em outros muitos.

A Transcrição do parecer da «Santa Inquição», na página 22 foi feita a partir do exemplar de «Os Lusíadas», posse da CASA DE SARMENTO - SOCIEDADE MARTINS SARMENTO - NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO ABADE DE TAGILDE, situada em Guimarães. Consultável via internet.

A imagem que se pode ver na página 19 é um decalque (aproximado) do desenho da capa original da edição Ee de 1572, e das respectivas inscrições em texto.